

CINEMA/CRÍTICA

Produção inflada



◉ FOTOGRAFIA ESTOURADA: apesar das belas paisagens, "Austrália" peca pelo excesso de cores e pelo exagero narrativo

◉ Novo filme de Baz Luhrmann quer ser épico, mas exagera na mistura de cores, melodrama, música, tragédias, batalhas, muito misticismo e personagens para lá de caricatos

FÁBIO FREIRE
Repórter

Filmes não são feitos para se tornarem clássicos. Eles simplesmente se tornam. Pena que esqueceram de avisar o diretor australiano Baz Luhrmann, que quer a todo custo que sua nova obra, o épico inchado "Austrália", entre, sem direito a escalas, para a História do Cinema. O diretor, mais conhecido pela "trilogia da cortina vermelha" (ver box), tem até os elementos certos na manga. Mas seu exagero habitual coloca tudo a perder e o que poderia ser um grande filme se revela apenas um filme grande.

"Austrália" bebe diretamente na fonte de produções grandiosas como "E o vento levou...", "Lawrence da Arábia", "Doutor Jivago" e, mais recentemente, "O Paciente Inglês" e "Cold Mountain". A trama joga no mesmo pacote romance, tragédia, guerras, conflitos étnicos, cores estouradas, câmeras lentas e figurinos impecáveis. Tudo isso distribuído irregularmente em uma metragem que encosta nas três horas. Começam aí os problemas de

"Austrália". Se a primeira metade do filme empolga ao apresentar as personagens e mesclar aventura e romance, a segunda parte do filme se arrasta em uma trama desnecessária e que não sabe dosar os clichês, muito menos a condução piegas de Luhrmann. Enquanto somos apresentados, de forma histriônica, mas eficiente, a uma aristocrata inglesa metida e perdida entre desertos e cangurus (Nicole Kidman), e a um capataz duro, rústico e sexy (Hugh Jackman), nos deixamos envolver com as desavenças do inusitado casal e sua meta de levar cerca de mil e quinhentas cabeças ao longo das terras áridas da Austrália.

Tom farsesco

Depois que essa trama se resolve e o roteiro centra o foco na mistura de batalhas envolvendo a Segunda Guerra Mundial e a chamada "Geração Perdida", filhos de aborígenes tirados das famílias para "aprenderem" modos civilizados, "Austrália" começa a derrapar em suas pretensões. Volta e meia, o longa adota um desnecessário tom místico envolvendo um garoto aborígene e seu avô, e o romance entre Kidman e Jackman, em atuações corretas, mas no limite da caricatura, fica em segundo plano.

Se a história falha em despertar a identificação do público, graças ao tom por vezes farsesco adotado pela trama, Baz Luhrmann quase estraga tudo com uma direção excessiva que, às vezes, beira a histeria. Conhecido pelo exagero na condução de suas obras, que



◉ BEIJO ROUBADO: romance entre Hugh Jackman e Nicole Kidman perde espaço em meio a muitas tramas

combinava em produções como o musical "Moulin Rouge!", o diretor não se contém e transforma "Austrália" em um filme tão grandioso que se perde em suas intenções.

Indeciso entre adotar seu costumeiro ritmo de videoclipe ou apostar em uma condução mais contemplativa, que privilegia as belas paisagens australianas, Baz Luhrmann parece confiante demais que está criando uma obra-prima. Ledo engano. Ainda que o filme não seja tão ruim quanto a crítica

boa química entre Jackman e Kidman é mal aproveitada. E, pior do que tudo, Baz Luhrmann não se importa de trapacear o espectador para construir tensão ou mesmo despertar emoção.

O uso dos recursos técnicos segue a mesma linha e "Austrália" é o exemplo de que menos, às vezes, pode ser mais. A fotografia propositadamente falsa e de cores estouradas (e que remete ao clássico "O Mágico de Oz"), o uso excessivo de câmeras lentas - que empresta uma beleza totalmente desprovida de significado ao longa - e a trilha sonora onipresente e barulhenta são indícios de que algo está errado e parecem ser bem mais importante do que a própria narrativa.

Entre pretensão demais e eficiência narrativa de menos, "Austrália" fica à deriva. Mesmo sendo um interessante exercício do estilo hiperbólico de Baz Luhrmann, o filme é uma obra menor de um cineasta que é referência quando se fala em visual no cinema atual. Luhrmann já provou que pode mais, e o excesso de expectativas e confiança derruba "Austrália" do cavalo. ◉

➤ Mais informações:

"Austrália" (Australia, 2008). Direção Baz Luhrmann. Com Hugh Jackman, Nicole Kidman, Bryan Brown, David Wenham. 12 anos. 169 min. Confira sessões e salas no Zoeira.

➤ Comente

caderno3@diariodonordeste.com.br

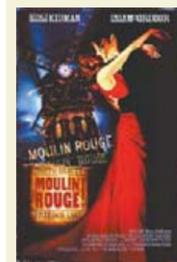
CORTINA VERMELHA



Vem Dançar Comigo (Strictly Ballroom, 1992)
Filme desprezioso que marca a estréia de Baz Luhrmann no cinema. O visual brega e os figurinos cafonas marcam a trama de um casal que quer ganhar um prêmio em um concurso de dança de salão. O filme fez bastante sucesso no Festival de Cannes no ano de lançamento e abriu as portas de Hollywood para o cineasta.



Romeo & Julieta (Romeo + Juliet, 1996)
Exagerado, dramático, cheio de cores e música, o filme, estrelado por Leonardo DiCaprio e Claire Danes, é uma modernização do texto clássico de Shakespeare. Apesar do estilo arrojado da narrativa e do apelo junto ao jovens, Baz optou por manter o texto original, criando uma interessante dicotomia entre imagens e diálogos.



Moulin Rouge (Moulin Rouge, 2001)
Obra-prima do diretor, Baz Luhrmann mais uma vez faz uso de muito estilo em uma trama que não tem medo de usar músicas contemporâneas para embalar uma história do passado. Figurinos, direção de arte, fotografia, Nicole Kidman e Ewan McGregor se destacam em um filme que renovou o gênero das produções musicais.

VERÃO
ELETRO
ROCK

NX ZERO

MAIS: DJ MARKY

FEAT. MC LUCKY

DIA: 06/02
LOCAL: AR LIVRE

TENDA ELETRÔNICA
RENATO COHEN - SP
GROOVE MACHINE
SEVEN PROJECT
VJ. MATIAS LIVE

INFORMAÇÕES: (85) 9127-7777
VENDA DE INGRESSOS NAS FARMÁCIAS PAGUE MENOS



CENSURA
16 ANOS